

Chegamos ao Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio. Ainda do lado de fora, conhecemos Sônia Maria Duarte, que é funcionária do Museu e nos levou para conhecer o complexo arquitetônico. Segundo ela nos contou, o Museu funciona dentro de um antigo convento de frades franciscanos. A história desse convento começou logo após a fundação da cidade de Cabo Frio, em 1617. Ocorre que Estevão Gomes, que era capitão-mor e tinha poderes, inclusive de doar sesmarias, cedeu a uma solicitação da população que conhecia os franciscanos que moravam em Cabo Frio. Eles pediram a ele um pedaço de terra para que pudessem construir um convento. A construção, que se iniciou apenas em 1686, levou 10 anos para ser finalizada sendo inaugurado no dia 13 de janeiro de 1696. O lugar funcionou como convento até 1872. Registra-se ainda que ali foi a primeira escola do então município de Cabo Frio, uma vez que cabia aos religiosos a função de catequizar a população.

O tombamento do complexo aconteceu em 1957, incluindo o Convento, o cruzeiro que fica em frente a este, o cemitério e a Capela da Ordem Terceira dos franciscanos. Em 1968 o Arcebispado de Niterói, proprietário do prédio, e o Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Dphan) acordaram sobre a criação do Museu de Arte Religiosa, adaptando as ruínas do Convento para comportar o Museu, cujo acervo inicial, segundo Sônia nos contou, foi composto pelos objetos dos frades que ali viviam.

Já do lado de dentro do complexo, podemos observar melhor aspectos mais detalhados de sua arquitetura. Soubemos ali que a construção retangular com um pequeno claustro ao centro é típico da arquitetura franciscana. Sônia optou por iniciar a visita pela igreja conventual e a medida em que andávamos, nos explicou que todo convento franciscano tem ao lado esquerdo uma igreja da Ordem Terceira, que é destinada aos leigos. Aqui, neste complexo, a Capela da Ordem Terceira já é do século XIX e seu estilo é o rococó. Observamos que há um contraste entre esta Capela e a Capela da Ordem Primeira, que conforme Sônia explica, é em estilo barroco português, sendo inclusive expoente do pensamento da Contra Reforma, quando, a partir daí a arte religiosa passou a ser utilizada como estratégia de conversão de fiéis.

Apesar do clima sacro, dos altares e das diversas imagens que ocupam o lugar que lhes foi destinado enquanto objeto de culto, de fé, todo o pavimento

térreo é hoje utilizado para abrigar exposições de curta duração e não é uma praxe que ali se realizem missas ou outras funções religiosas. Em virtude da excelente acústica o local é frequentemente palco de concertos e outras apresentações de música, sobretudo de música sacra.

Deixamos esta área do Museu e passamos ao pátio interno, uma área ao ar livre que conforme Sônia comenta, inclui-se como projeto de um sítio arqueológico histórico para investigar e dar a conhecer tudo que está no subsolo. É sabido que foi bastante tradicional o hábito de se enterrar junto às igrejas pessoas com maior prestígio junto às ordens religiosas. Além disso, é sabido que há imagens enterradas, como algumas cujas partes já foram encontradas, restauradas e estão em exposição. Isto porque também era hábito que uma imagem quebrada fosse emparedada ou mesmo enterrada ao invés de ser descartada. Além disso, toda essa história depositada no terreno do complexo guarda, sem dúvidas, vestígios involuntários dessa longa ocupação religiosa do prédio.

Entramos em uma sala em que há a exposição *Imagens de Fé e História*. Há ali imagens de roca, cujo nome é fruto de sua aparência, que se assemelha à roca de um tear. São imagens feitas em madeira e eram utilizadas originalmente nas procissões em Cabo Frio. Nesta sala há ainda fotos, gravuras e vitrines com fragmentos que já foram encontrados no complexo.

Visto o pavimento térreo, fomos até o andar de cima que também abriga uma exposição permanente. Ali, mais e mais imagens. Diante de um conjunto delas, Sônia explica que são obras em terracota e madeira policromada, que pertenciam aos frades que viviam no convento. São curiosas em suas idiossincrasia: seus ornatos, seus detalhes originais, sua aparência enquanto arte religiosa. Fazem referência a um culto específico que traduz a visão dos indivíduos que os produziram em relação à religião e mesmo em relação aos aspectos de sua sociedade. Além disso, são testemunhas do tempo do próprio complexo arquitetônico e, assim sendo, na sobreposição de camadas históricas, também são curiosas as circunstâncias que trouxeram algumas das imagens até esta exposição. Isto porque aqui estão imagens que foram encontradas emparedadas ou mesmo, como é o caso da imagem do menino Jesus, que estava enterrada e foi encontrada durante uma obra. O Museu recria assim a memória da própria existência daquele conjunto arquitetônico,

que hoje integra o conjunto de museus regionais do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Antes de nos despedirmos, perguntamos a Sônia a respeito da integração entre o Museu de Arte Sacra e Tradicional e a comunidade de seu entorno. Ela nos explicou que a instituição promove diversas ações para chamar o visitante local, inclusive, exposições de curta duração e os eventos de música que já contam no calendário do município. Além disso, eventualmente se ministram cursos. De modo geral, e é Sônia que ressalta isto, o Museu cumpre ainda a função educativa de seu tempo remoto, mas agora a partir de uma perspectiva crítica e não mais disciplinadora.

Ao sairmos do Museu de Arte Sacra nos encontramos com o ambientalista Ernesto Galiotto que há muitos anos se ocupa da preservação do patrimônio natural de Cabo Frio e região. Conversamos sobre os problemas ambientais que também não poupam esta área e que, são frutos da história de ocupação e exploração que a região sofreu, desde a extração de pau-brasil. Apaixonado pelas belezas que, felizmente, a região ainda guarda, Galiotto exorta:

Tem coisa melhor que estar na cidade, na praia e na natureza? Cabo Frio tem tudo isto. É só questão de explorar a natureza de uma forma legal, sem agressão e fazer uma fusão do lado ambiental, da natureza que nós temos, com a cultura que nós temos e com a parte barroca, clássica... Crescer com inteligência e não esquecer o patrimônio natural, cultural e histórico que nós temos.